

# Fantasia para dois coronéis e uma piscina

Mário de Carvalho

Assola o país uma pulsão coloquial que põe toda a gente em estado frenético de tagarelice, numa multiplicação ansiosa de duos, trios, ensembles, coros. Desde os píncaros de Castro Laboreiro ao Ilhéu do Monchique fervem rumorejos, conversas, vozeios, brados que abafam e escamoteiam a paciência de alguns, os vagares de muitos e o bom senso de todos. O falatório é causa de inúmeros despautérios, frouxas produtividades e más-criações.

Fala-se, fala-se, fala-se, em todos os sotaques, em todos os tons e decibéis, em todos os azimutes. O país fala, fala, desunha-se a falar, e pouco do que diz tem o menor interesse. O país não tem nada a dizer, a ensinar, a comunicar. O país quer é aturdir-se. E a tagarelice é o meio de aturdimento mais à mão.

Falam os médicos, os notários, os empreiteiros, os varredores, os motoristas, os professores e toda a lista de profissões da estatística, e não há corporação que fique de fora neste zunzunar do paleio, vendedores de automóveis, mediadores de seguros, sapateiros que passam a vida a cantar, empregados de mesa, agentes da autoridade, doentes dos hospitais, operadores imobiliários, empregados forenses, e também engenheiros,

sem-abrigo, vagabundos, telefonistas, padeiros, patinadores, engraxadores e vândalos. Imigrantes provindos de países sombrios aprendem aqui a soltar as línguas, aderem ao velho ofício de dar à taramela, por isto e por aquilo, por tudo, nada. Passam-se dias, meses, anos, remoem as depressões, adejam os perigos e o país a falajar, falajar, falajar.

Vai agora, pelos campos, para os lados de Vila de Frades, um apicultor, numa cansada bicicleta pasteleira. Traz no exposto porta-bagagens um bidão de plástico amarelo, cheio de mel, que muito desequilibra aquele andar. Pois ainda que vagando sozinho também faz conversa. Fala com os seus botões. Nem os solitários escapam ao afã elocutório, porque a abotoadura, desde que foi inventada, tem o condão mágico e tradicional de nutrir o paleio. E vem o apicultor a dizer baixinho, mas com convicção: «Ora bem, estes vinte litros de mel distribuídos por cento e cinquenta frascos que já lá tenho lavados e que não custaram nada porque foram recolhidos nos vidrões dos supermercados, o trabalhão que isso deu, descontando dez euros para etiquetas e colas e paninhos para tampas, dá, deixa ver, Eleutério (chama-se Eleutério), deixa ver... A oito euros o frasco, a bela maquia de mil cento e noventa euros. Com metade, compro sementes de quivi, que é o que está a dar, e o resto divido em duas partes, uma para comprar uma prenda para a Irina porque as namoradas em pousio desertam, a outra para comprar um jogo de matraquilhos em terceira mão, que instalo na tasca do meu cunhado, rendimentos a meias.» E lá segue o homem, a pedalar e a falar, por um dos trilhos deste Portugal, muito a sul. Nisto, espalha-se nos

ares a melodia de Smetana, *O Rio Moldava*, em notas fininhas, como vibração de fios de arame invisível, o homem remexe nos bolsos, tira um objecto brilhante, brada «Tá?» e a bicicleta andando, andando, enquanto o homem comunica, uma das mãos no guiador, a outra no *Nokia*.

Telefones móveis! Soturna apoquentação! Um país tagarela tem, de um momento para o outro, dez milhões de íncolas a querer saber onde é que os outros param, e a transmitir pensamentos à distância.

Afortunados ventos que batem todas as altitudes e pontos cardeais e levam as mais das palavras, às vezes frases inteiras, parágrafos, grosas delas, para as afogar no mar, embeber nos lameiros de Espanha, gelar nos confins da Sibéria, perder nas imensidades do éter. É um favor do Deus único e verdadeiro. O país pereceria num sufoco, aflito de rouquidões, atafalhado de vocábulos, envenenado de sandices, se a Providência caridosa lhos não disseminasse por desatinadas paragens. Temos de conhecer um certo coronel Bernardes que compartilha esta opinião, tanto que é capaz de passar quatro ou cinco horas a desenvolvê-la, a bater-se por ela e a propor medidas práticas...

O apicultor da bicicleta tem agora a dita em terra, no sentido nominal e verbal, as mãos todas peganhentas e o telemóvel também. O bidão de mel quebrou os atilhos, rebolou por uma inopinada ravina e foi aduçar as águas dum ribeiro enxameado de libelinhas agradecidas. Vira-se o homem para cima e diz-nos, por não poder estar calado: «Sendo-me a dita cruel, senhores, não me deis guerra: que todo o humano aranzel, como o meu bidão de mel, há-de dar consigo em terra.» Enfim, falar com os botões é nisto que redundava, pergunte-se a uma

pastora chamada Mofina, uma leiteira chamada Pérrette e ao brâmane chamado Svabhvakripana, proprietário dum boião de farinha, constante do livro V, conto IX, do *Panchatantra*.

Surge e trava ao pé do apicultor uma carrinha *Renault 4* de cor bege, muito empoeirada. Sai um jovem mal dormido, que parece interessar-se muito pela situação do apicultor e que, pelos gestos, se mostra mesmo condoído. O jovem é alto, veste calças de ganga azul, um pólo claro, cor de burro quando foge, e os cabelos, nem curtos nem compridos, foram desamigados de pente há muito tempo. É daquelas figuras que inspiram simpatia e confiança a um primeiro olhar, mesmo de longe. Chama-se Emanuel Elói, é uma bondade de moço, trotamundos, e tem algum jeito e muita paciência para os seus conterrâneos. Desce ele até ao ribeiro, rebusca por lá, vira-se para fazer um aceno desconsolado, a significar irreversão. Depois volta, profere palavras amigáveis e consolatórias, ouve o desalento do outro, abre a porta de trás e com grande esforço ambos querem empurrar para lá a bicicleta. Não há espaço. Escondem a bicicleta entre as estevas.

Entra o apicultor, à boleia, a carrinha arranca, e naquele abrir de portas ficámos a saber que a bagageira vai cheia de ca-lhaus, que um rei preto de xadrez e um cavalo branco rolam por ali esquecidos aos baldões e que um computador portátil, em pasta apropriada, jaz abandonado com mais pó em cima do que o consentido pelo bom senso. Os dois homens vão a conversar:

— Então o que é que vossemecê faz?

Responde o jovem:

— Análises, medições e coisas assim. Vai-se vivendo.

— É o que é preciso.